

# OS UTOPISTAS, PRECURSORES DA CRÍTICA SOCIALISTA (1815-1830)

TEXTO DE 1985

---

|               |                   |
|---------------|-------------------|
| <b>Data</b>   | Fevereiro de 2017 |
| <b>Autor</b>  | Robin Goodfellow  |
| <b>Versão</b> | V 1.0             |

---

## Introdução

Com este texto inauguramos a reedição de parte da série *Breve histórico do movimento da classe proletária na área euro-norte-americana*, publicada originalmente em língua francesa em vários números de nossa revista *Communisme ou Civilisation* entre 1984 e 1994 (extinta em 1998, dando lugar ao nascimento de Robin Goodfellow), e parcialmente em 5 números de *Comunismo ou Civilização* em língua portuguesa de 1985 a 1991.<sup>1</sup>

A série de textos que serão aqui publicados abrange o período de 1830 (com os utopistas) a 1889 (com os primórdios da IIª Internacional). O objetivo dessa reedição é duplo: de um lado, difundir em língua portuguesa textos que ficaram originalmente circunscritos a uma publicação de tiragem extremamente restrita, distribuída à época como produto de um trabalho militante; e de outro, fornecer sob uma forma sintética (embora nem sempre curta) uma recordação histórica útil, que pode servir para a formação e a informação de militantes.

O proletariado não pode dispensar o conhecimento de sua própria história como arma na sua luta contra a sociedade capitalista. Os textos procuram mostrar como o proletariado forjou o programa comunista através de suas lutas e também como tirar do passado elementos que permitirão enfrentar com mais segurança e firmeza o futuro. Isso porque, debruçar-se sobre sua própria história só tem sentido se se trata de utilizá-la para reforçar sua posição frente ao presente e ao futuro. O proletariado não examina seu passado para colecionar fatos e datas, mas defende intransigentemente seu programa tirando as lições de suas vitórias e derrotas, a fim de reforçar e de confirmar cada vez mais sua capacidade de ação revolucionária e de voltar ao assalto das cidadelas do capital munido de todas as suas armas, por mais de uma vez banhadas de sangue nos combates passados.

Robin Goodfellow

---

<sup>1</sup> Os detalhes da trajetória de nossa revista, tanto em francês como em português, assim como de nossa trajetória política, podem ser encontrados no texto *Quem é Robin Goodfellow?* em nosso site [www.robinfoodfellow.info](http://www.robinfoodfellow.info) ou neste blog (postagem de Janeiro de 2016).

Nessa reedição, deixamos de lado algumas partes mais detalhadas dos textos originais, sem prejuízo dos temas tratados, assim como fizemos uma revisão dos textos (falhas tipográficas, omissões, etc.).

## As raízes do utopismo

Após a derrota de 1795, o proletariado deixa de desempenhar um papel político. Com a contrarrevolução de 1815, o mundo adentra um período de relativa calma política e social. Atrasado no continente, o desenvolvimento capitalista acelera-se na Inglaterra, que se prepara, com o desenvolvimento da grande indústria, para a passagem ao segundo momento da fase de submissão real do trabalho ao capital nos anos 1820<sup>2</sup>.

É sobre esta base que vai surgir na Inglaterra um movimento operário bem mais amplo e de maior profundidade, o cartismo. Enquanto isso, no continente, a necessidade de completar as revoluções burguesas (ou mesmo de realizá-la pura e simplesmente, como é o caso da Alemanha e da Itália) trará o proletariado com força para a cena política em 1830 e 1848.

Mas, se durante todo esse período, o proletariado ainda não terminou de forjar os instrumentos que lhe permitirão submeter à sua crítica radical o mundo capitalista em vias de consolidação, a revolução permanente das condições de produção acaba por gerar, a partir dessa época, na sociedade e até nas classes dirigentes, certo número de questões que a grande revolução burguesa não tinha resolvido de modo algum. Subsistem não apenas certos fenômenos, mas ainda surgem outros novos, que parecem incompatíveis com os grandes ideais pelos quais se tinha sublevado metade da Europa.

Todos esses fenômenos inspiraram em alguns homens elementos de crítica da nova sociedade que se elaborava sob seus olhos. Descobrimo seus defeitos, suas imperfeições e até suas taras, inventaram incessantemente sistemas que, ao mesmo tempo em que se baseavam nas novas forças sociais que acabavam de surgir, eliminavam todos seus aspectos negativos, trazendo finalmente a

---

<sup>2</sup> (cf. CouC n.º 3) [Nota de 2017] O texto original referia-se ao n.º 3 de *Comunismo ou Civilização* (CouC), em português, que tratou a periodização do capital, dividindo-a em dois períodos históricos distintos: fase de submissão formal e fase de submissão real do trabalho ao capital. Como explicamos no texto *Quem é Robin Goodfellow?*, CouC herdou uma série de posições de correntes da ultra-esquerda que designavam e ainda continuam designando, embora de maneira cada vez mais abastardada, a eclosão da guerra de 1914 e a derrocada da IIª Internacional como um ponto de ruptura entre dois períodos históricos distintos do modo de produção capitalista, interpretado modo não dialético em várias formulações segundo as correntes, dentre elas a da aludida “fase formal”/“fase real”. As correntes mais à esquerda, justificando sua análise desse pretenso corte, viam uma mudança nos conceitos próprios do marxismo sobre as questões nacional, sindical, parlamentar e democrática. Como consequência, as posições de Marx e Engels sobre essas questões deviam ser relativizadas ou mesmo abandonadas.

O resultado de nossos trabalhos desenvolvidos após a publicação do estudo da periodização do capital mostrou-nos a imbecilidade das tentativas de substituir a análise de Marx e Engels por certo ritmo da história que mostraria que suas posições defendidas à época deviam ser abandonadas. Os trabalhos fizeram-nos compreender que a forma moderna do modo de produção capitalista não data de 1914, mas de 1825 com as primeiras grandes crises de superprodução. Não existe em Marx a noção de *fase formal/fase real*. A tradução efetiva é *subordinação (ou subsunção) do trabalho ao capital*, mas jamais *fase* de submissão... O que existe de fato é uma forma de periodização dessa subordinação do trabalho na manufatura e na grande indústria, na qual emerge o maquinismo, uma tecnologia especificamente capitalista. De certa maneira, a subordinação real do trabalho ao capital sucede a subordinação formal do trabalho ao capital, mas mantendo-a e elevando-a dialeticamente a um nível superior.

Consequentemente, todas as posições expressas por Marx e Engels a partir de 1848, e sustentadas integralmente até suas mortes, são válidas hoje, pois dizem respeito ao modo de produção capitalista moderno (grande indústria e produção da mais-valia relativa).

humanidade para o estado de perfeição ao qual aspira, e para a realização do qual a revolução burguesa revelava-se insuficiente. Esses homens entraram para a história com o nome de utopistas, pois só souberam forjar as bases dessa crítica transpondo-a sob as cores de um mundo imaginário<sup>3</sup> ideal, cujas bases poderiam ser colocadas no mundo atual, utilizando-se seus traços positivos e realizando experiências que, pelo seu charme e sua razão, acarretaria a generalização destes sistemas em escala social.

Todos os utopistas (aqui, estudaremos apenas os três principais: Owen, Saint-Simon e Fourier) têm em comum o fato de que elaboraram sua teoria sob a influência direta das condições sociais existentes, acentuando uma dupla contradição. De uma parte, a contradição entre a realidade das novas condições de produção, com seu cortejo de desigualdades, misérias, desperdícios, anarquia, e a concepção idílica desta sociedade, conforme apregoavam as teorias burguesas. De outra, a contradição entre a realidade e as fantásticas possibilidades que essas condições de produção poderiam oferecer, se depuradas de seu aspecto nefasto.

Nesse sentido, na medida em que os utopistas trabalham sobre essas contradições que surgem com a estabilização da sociedade burguesa e acentuam a iniquidade das soluções burguesas para resolvê-las, eles se ligam a Babeuf e às correntes visionárias, que previam que a revolução burguesa não seria uma resposta definitiva aos problemas colocados para a humanidade desde a dissolução das comunidades primitivas.

Mas, na medida em que a própria solução dos utopistas é abstrata, levada em nome da humanidade em geral e da Razão, fazendo abstração do caráter revolucionário das contradições surgidas (em primeiro lugar, daquela entre capital e proletariado), eles não encarnam em si uma corrente proletária.

“Os três têm em comum o fato de não se considerarem representantes do proletariado que a história tinha engendrado no intervalo. Como os filósofos da era das luzes, querem liberar não uma determinada classe, mas toda a humanidade. Como eles, querem instaurar o reino da razão e da justiça eternas; mas existe um abismo entre seu reino e o dos filósofos iluministas. O próprio mundo burguês, organizado conforme os princípios desses filósofos, é irracional e injusto, e por isso deve ser condenado e considerado como o feudalismo e as demais condições sociais anteriores. Se, até agora a razão e a justiça efetivamente não reinaram no mundo, é porque não foram exatamente reconhecidas. Faltava especificamente o indivíduo genial que chegou agora e que reconheceu a verdade; que ele tenha chegado agora, que a verdade acabe de ser reconhecida, este fato não resulta necessariamente do encadeamento do desenvolvimento histórico como um acontecimento inelutável. Trata-se apenas de algo fortuito. O indivíduo genial poderia perfeitamente ter nascido 500 anos antes, poupando à humanidade 500 anos de erros, lutas e sofrimentos.” (Engels – Anti-Dühring)

Essa principal fraqueza dos utopistas, apesar de toda a justeza de sua crítica, deriva do fato de que esta não é feita a partir de elementos revolucionários, mas essencialmente a partir das descobertas dos absurdos e dos abusos do sistema sob seus olhos. É por isso que o trabalho por eles

---

<sup>3</sup> “Utopia” vem das palavras gregas “U” (não) e “Topos” (lugar), que significam “nenhum lugar”, “lugar que não existe”.

desenvolvido visará principalmente a eliminação desses aspectos negativos, para chegar a estabelecer um sistema perfeito.

Para conseguir isso, não é necessária, segundo eles, uma revolução social, mas a razão, o exemplo e a virtude. Essa subestimação das condições materiais de uma crítica revolucionária leva-os a privilegiar o papel da ciência e do indivíduo genial que, por sua sabedoria, trará a solução dos males de que padece a humanidade.

“À atividade social deve substituir-se sua própria engenhosidade; às condições históricas de emancipação, condições imaginárias; à organização progressiva do proletariado em classe, uma organização da sociedade fabricada por eles mesmos. Para eles, o devir do mundo resume-se à propaganda e à aplicação prática de seus planos de sociedade. Eles certamente têm consciência de defender em seus planos os interesses da classe operária antes de tudo, pois é a classe que mais sofre. Para eles, o proletariado só existe nessa condição de classe que mais sofre”. (Manifesto do Partido Comunista)

Por conseguinte, não colocam nenhuma atividade política, nem de organização, e mostram-se totalmente indiferentes à ação política.

“Eles rejeitam, portanto, qualquer ação política e, sobretudo, revolucionária; procuram alcançar seus objetivos por meios pacíficos e tentam descortinar uma brecha para o novo evangelho social pela força do exemplo, por experiências em pequena escala, que naturalmente sempre fracassam.” (idem)

No entanto,

“Essa pintura imaginária da sociedade futura, numa época em que o proletariado ainda muito pouco desenvolvido só encara sua condição na imaginação, corresponde às primeiras aspirações intuitivas deste proletariado por uma completa transformação da sociedade”. (idem)

Contudo, todos esses aspectos negativos, inerentes às condições materiais encontradas pelos utopistas na sua tentativa de sistematizar a crítica do sistema social vigente, não deve permitir que se esqueça o imenso interesse daqueles que tiveram, para os futuros teóricos do comunismo, a mesma importância, segundo Engels, que tiveram os alquimistas para seus descendentes, os químicos. Além do caráter fantasioso de seus sistemas, os utopistas forneceram “elementos extremamente preciosos para esclarecer os operários”. (idem)<sup>4</sup>

Por exemplo – mesmo se a incompreensão de sua realização torna-as medidas puramente utópicas – os utopistas propuseram uma série de medidas que inspirarão diretamente os comunistas, como a abolição da família, a supressão da oposição cidade-campo, a abolição do trabalho assalariado, a transformação do Estado numa simples administração da produção, etc...

---

<sup>4</sup> Não é por acaso que, nos anos de 1840, Marx e Engels consideravam a publicação sistemática dos escritos utópicos na Alemanha, para contrabalançar os traços abstratos e ascéticos do socialismo alemão.

## A crítica comunista

Mesmo se os comunistas sempre sublinharam a ilusão que consiste em querer instaurar, no seio da sociedade capitalista, ilhotas de comunismo, como os falanstérios, as comunidades, as fábricas-modelo de Owen..., não deixaram de ressaltar que, por limitadas que fossem essas experiências, elas mostravam que o comunismo poderia tornar possível em escala social.

Dirigindo-se, por exemplo, a uma plateia de industriais em Eberfeld, em 1845, Engels mostra as vantagens da socialização, tal como foi realizada nas experiências de Owen. Tanto no que concerne a produção como o consumo, ele mostra, sobretudo, que a utilização coletiva dos recursos sociais traz vantagens em relação ao desperdício e à anarquia que existe na sociedade capitalista.

Também na AIT, no debate sobre o movimento cooperativo, Marx e Engels lembrarão o alcance da experiência de Owen, ao mesmo tempo em que ressaltavam que, no interior da sociedade capitalista, tais experiências só podem estar condenadas ao fracasso.

O utopismo reflete um período bem preciso do movimento operário: aquele no qual o modo de produção capitalista está suficientemente desenvolvido para deixar entrever suas principais contradições, embora ainda não suficientemente para produzir as forças capazes de fornecer uma explicação científica destas, nem sua solução. É por isso que, tanto no que tem de positivo, como de negativo, o alcance do movimento utópico é muito limitado no tempo. Assim que o movimento real produz as condições necessárias para que se opere uma verdadeira crítica revolucionária e para que surjam as forças capazes de levá-la a bom termo, o utopismo torna-se reacionário. É significativo que, nos anos 30, a vanguarda proletária não irá tirar sua inspiração dos utopistas, mas das autênticas correntes proletárias do passado, a começar por Babeuf. Bem antes de 1847, o utopismo está condenado, diante da ascensão do proletariado revolucionário.

“A importância do socialismo e do comunismo crítico-utópico está em razão inversa do desenvolvimento histórico. À medida que a luta de classes ganha forma e se acentua, esse modo de elevar-se acima dela pela imaginação, essa oposição imaginária que lhe é colocada, perdem qualquer valor prático, qualquer justificativa teórica. É por isso que, se em relação a muitos aspectos, os autores desses sistemas eram revolucionários, as seitas formadas por seus discípulos obstinam-se em manter velhas concepções de seus mestres frente à evolução histórica do proletariado. Eles tentam uma vez mais, e nisso são lógicos, embotar a luta de classes e conciliar antagonismos. Continuam a sonhar com a realização experimental de suas utopias sociais – estabelecimento de falanstérios isolados, criação de colônias no interior, fundação de uma pequena Icária, edição ampliada da Nova Jerusalém – e, para a construção de todos esses castelos de cartas, veem-se forçados a apelar para o coração e a carteira dos filantropos burgueses. Pouco a pouco, caem na categoria dos socialistas reacionários ou conservadores mencionados anteriormente, e só se diferenciam por um pedantismo mais sistemático e por uma fé supersticiosa e fanática na eficácia milagrosa de sua ciência social. Eles se opõem portanto, obstinadamente, a todo movimento político dos operários, que só pode ter sido originado de uma falta de fé cega no novo evangelho. Na Inglaterra, são os owenistas que reagem contra os cartistas, na França os fourieristas contra os reformistas (partidários do jornal “A Reforma”). (Manifesto do Partido Comunista)

Posteriormente, o utopismo dá origem, de um lado, às seitas, contra as quais irá efetuar-se a unificação do proletariado no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores; de outro lado, a uma mera e simples corrente capitalista ligada ao Estado. Visando corrigir certos abusos da sociedade capitalista, o utopismo antecipava pura e simplesmente alguns traços que esta iria desenvolver por si mesma, como reação a tais abusos.

É por isso que foi tão fácil para o capital recuperar certas ideias dos utopistas, como ocorreu no Segundo Império francês com o Crédito Fundiário dos Irmãos Peireire, etc...

“É evidente que o utopismo, que continha em germe o socialismo materialista e crítico antes de seu advento, só pode ser, se ele retornar depois, simplório, insípido e reacionário até a alma.” (Marx a Sorge – 19.10.1877)

## Owen

Dos três grandes utopistas, Robert Owen (1771-1858) é o que melhor soube apreender a essência constitutiva das contradições capitalistas no seu próprio local de origem, isto é, na esfera da produção. Primeiro, porque vivia na Inglaterra, país pioneiro do desenvolvimento capitalista; depois, porque era mesmo um fabricante.

“Este último (Owen – NDR), no país da produção capitalista mais desenvolvida e sob a impressão das contradições que ela gera, desenvolveu sistematicamente suas proposições de abolição das diferenças de classes, ligando-se diretamente ao materialismo francês.” (Engels – Anti-Dühring)

De um lado, Owen herda as características predominantes das ideias socialistas inglesas (Goldwin, Bentham, etc...): a doutrina dos filósofos utilitaristas, o reino da razão e da justiça eternas, etc... o ateísmo e a indignação profunda diante das contradições sociais provocadas pelo MPC.

Mas, de outro lado, acompanhando os movimentos da vida material da sociedade inglesa, que ele interpreta de modo racionalista e materialista, Owen empreende uma ação reformadora, cujo objetivo é aliviar o destino da humanidade, agindo diretamente sobre as circunstâncias materiais que a determinam. Se o homem, como explica a doutrina materialista, é o produto das circunstâncias, ele será mudado ao se começar modificando estas últimas.

É por isso que a primeira experiência de Owen, a tecelagem de algodão de New Lanark, estabelecida em 1800, foi constituída como um modelo de organização social, unindo produção, consumo e vida social, e evitando os efeitos devastadores e desumanos da grande indústria. Seu princípio de funcionamento era o de uma grande cooperativa de produção e consumo, onde se dava também uma educação aprimorada aos filhos dos operários e melhores condições de vida a suas famílias.

Rapidamente, no entanto, Owen conclui que mesmo dando-se aos homens condições de vida relativamente favoráveis na sua colônia – limitando-se o trabalho de mulheres e crianças, reduzindo a jornada de trabalho dos adultos e pagando bons salários – ainda estavam longe de ter uma vida livre e de realizar sua essência humana. Ao indagar-se sobre as razões dessa situação, Owen descobre que o aumento da produtividade do trabalho assegura o crescimento dos lucros dos proprietários de New Lanark.

Ele constata então que “as pessoas eram seus escravos”, assim como em qualquer outra indústria da Inglaterra. Isso faz com que tenha a intuição do fenômeno da mais-valia, mas sem chegar a teorizá-lo e, principalmente, sem compreender como pode ser eliminado.

“Sem essa nova riqueza criada pelas máquinas, não teria sido possível levar a bom termo as guerras para derrubar Napoleão e manter os princípios aristocráticos da sociedade. E, no entanto, essa nova potência era a criação da classe operária”. (Owen, citado por Engels – Socialismo utópico e socialismo científico)

“É, portanto, a ela (à sociedade) que cabiam os frutos. As novas e possantes forças de produção, que até então só tinham servido para o enriquecimento de alguns e para a servidão das massas, ofereciam para Owen a base de uma reorganização social e destinavam-se a trabalhar apenas para o bem-estar comum, enquanto propriedade de todos. É dessa reflexão do homem de negócios, como fruto por assim dizer do cálculo comercial, que nasce o comunismo oweniano. Ele sempre conserva esse mesmo caráter voltado para a prática.” (idem)

Mesmo se, no plano dos princípios, Owen permanece distante do comunismo moderno, seu sistema cooperativo – ainda que condenado à falência pois, na medida em que se situa na sociedade burguesa, deixa intacto o poder político e social da burguesia e não emancipa o proletariado – demonstra aos operários, na prática, os grandes traços da sociedade comunista: desenvolvimento das forças produtivas, graças aos progressos da grande indústria; ligação entre trabalho e indústria; abolição da família e, sobretudo, autoadministração da comunidade dos homens, sem distinção de classes, sem mestres nem patrões. O lado genial de Owen foi ter compreendido que tudo isso era possível por estar contido em germe na sociedade capitalista atual; mas que, na sua forma capitalista, a grande indústria, longe de ser uma fonte de bem-estar, reduzia as massas a uma escravidão sequer conhecida na mais despótica das sociedades.

“Robert Owen, pai das fábricas e das pequenas cooperativas que, conforme vimos, estava longe de iludir-se com seus imitadores sobre o alcance desses elementos isolados, não tomou apenas o sistema de fábrica como ponto de partida de suas experiências; declarou também que isso era teoricamente o ponto de partida da revolução social”. (Marx – O Capital, seção IV, cap. 13)

Tudo que a ação de Owen podia ter de reformador antecipava diretamente as reformas que o próprio capital, sequioso de não suicidar-se e sob a pressão da luta da classe operária, acabaria por introduzir na esfera da produção.

“Quando Robert Owen, imediatamente após os dez primeiros anos deste século, sustentou não apenas teoricamente a necessidade de uma limitação da jornada de trabalho, mas ainda restabeleceu efetivamente a jornada de 10 horas na sua fábrica de New Lanark, zombaram dessa inovação como sendo uma utopia comunista. Debocharam de sua “união do trabalho produtivo com a educação das crianças”, e das cooperativas que ele foi o primeiro a fundar. Hoje, a primeira dessas utopias é uma lei de Estado, a segunda aparece como frase oficial de todas as Leis de Fábrica (Factory Acts) e a terceira serve até de disfarce para encobrir manobras reacionárias.” (Idem, seção III, cap. 8)

Por outro lado, tudo que na obra de Owen antecipava o comunismo valeu-lhe o desprezo geral da sociedade burguesa e a estima da classe operária, ao destino da qual uniu os últimos anos de sua vida.

“A passagem para o comunismo foi a pedra angular da vida de Owen. Enquanto se contentou com o papel de filantropo, ganhou riqueza, aprovação, honra e fama. Era o homem mais popular da Europa. Não apenas seus colegas o escutavam e aprovavam, mas ainda homens de Estado e príncipes. Quando apresentou suas teorias comunistas, tudo mudou. Para ele, três grandes obstáculos pareciam barrar o caminho da reforma social: a propriedade privada, a religião e a forma vigente do casamento. Ele sabia o que o esperava se

os atacasse: repulsa universal da sociedade oficial, perda de sua situação social. Mas não deixou de fazê-lo impiedosamente, e o que se previa aconteceu. Banido da sociedade oficial, alijado pela conspiração do silêncio urdida pela imprensa, arruinado por suas experiências comunistas fracassadas na América nas quais tinha sacrificado toda sua fortuna, voltou-se diretamente para a classe operária e continuou a agir em seu seio por mais trinta anos. Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais levados a bom termo na Inglaterra em prol dos interesses dos trabalhadores estão ligados ao nome de Owen”. (Engels – Anti Dühring)

## Saint-Simon

Para construir seu sistema utópico, o francês Saint-Simon (1760-1825) parte de premissas totalmente diferentes, muito mais jurídicas e diretamente inspiradas da revolução francesa.

“Saint-Simon era filho da revolução francesa; não tinha trinta anos quando esta estourou. A revolução era a vitória do Terceiro Estado, isto é, da grande massa da nação que era ativa na produção e no comércio, sobre as ordens privilegiadas, ociosas até então: nobreza e clero. Mas a vitória do Terceiro Estado revelou-se rapidamente como a vitória de uma pequena parte dessa ordem, como a conquista do poder político pela camada socialmente privilegiada desta mesma ordem: a burguesia possuidora.” (Engels – Anti Dühring)

Saint-Simon se dá conta de que a divisão que ele julga vital entre trabalhadores (ou produtivos) e ociosos existe também no seio da burguesia. Na sua célebre “parábola” sobre zangões e abelhas, Saint-Simon indaga o que ocorreria se a França perdesse de uma só vez “seus 50 primeiros físicos, químicos, matemáticos, etc...” dentre os sábios; “seus 50 primeiros mecânicos, arquitetos, relojoeiros, médicos, etc...” dentre os técnicos; “seus 50 primeiros mineiros, fabricantes de tecidos, armadores, impressores, etc...” dentre os industriais; “seus 50 primeiros pedreiros, carpinteiros, chaveiros, fundidores, etc...” dentro os operários; e conclui que a França ficaria provisoriamente arruinada, que a “Nação tornaria-se um corpo sem alma a partir do momento em que os perdesse”.

Se admitirmos agora que a França perde de uma só vez toda a corte da família real, todos os ministros, todos os marechais, cardeais, prefeitos, grandes vigários, etc... todos estes poderiam ser substituídos da noite para o dia pelo simples jogo da hierarquia, já que existe, abaixo de todas essas personagens, elementos tão capazes quanto elas para cumprir as mesmas funções.

Desta parábola, Saint-Simon conclui que a sociedade atual é tudo, exceto organizada de modo razoável e racional.

“Estas suposições evidenciam o fato mais importante da política atual: elas colocam-no em tal condição que permitem que seja imediatamente apreendido e em toda sua amplitude. Elas provam claramente, embora de modo indireto, que os homens ainda se deixam explorar pela violência e pela astúcia; e que a espécie humana, politicamente falando, ainda encontra-se mergulhada na imoralidade.”

Nessa luta entre “zangões e abelhas”, Saint-Simon vê o antagonismo fundamental de nossa sociedade, o qual desembocará cedo ou tarde numa luta de classes encarniçada, cujo resultado não deixa dúvidas: a sociedade terá que entregar o conjunto das riquezas e das forças produtivas aos produtores associados, sem que qualquer pessoa possa aproveitar-se do trabalho de outrem.

“O momento em que a luta deve assumir seu verdadeiro caráter finalmente chegou. O partido dos produtores não tardará a se apresentar. E mesmo entre os homens nascidos nas classes parasitas, aqueles que possuem maior abertura de espírito e de elevação na alma, começam a sentir que o único papel honroso que podem desempenhar hoje consiste em usar toda sua influência para estimular os produtores a entrar em atividade política, e para

ajudá-los a obter na direção dos negócios gerais a preponderância que adquiriram na sociedade.” (Saint-Simon – Do Sistema industrial)

Embora apresente uma teoria da luta de classes<sup>5</sup>, Saint-Simon não individualizava em toda sua amplitude o fenômeno da luta burguesia/proletariado. Ele classifica entre os “produtores” mais ou menos tudo que é ativo, ou seja, não apenas os operários, mas também os sábios, os industriais, os grandes comerciantes, os banqueiros, reservando o status de “ociosos” ou de parasitas somente aos que vivem de rendas, sem tomar parte da produção e do comércio. Portanto, não apenas a antiga aristocracia, mas ainda toda uma parte da burguesia e dos proprietários fundiários.

No seu esquema, Saint-Simon atribui grande importância à ciência que, associada à indústria, e moralizada sob a égide de um “novo cristianismo”, deveria guiar a humanidade nos caminhos do progresso. Embora considere a associação de todos os produtores, atribui importância preponderante (de concepção, de gestão e de comando) a essa fração dos “produtores” representada pelos grandes industriais e pelos sábios. Mas seu poder, assim como o dos banqueiros, cujo papel seria de regular a produção, decorreria principalmente de sua competência técnica, mais do que de um estado de superioridade econômica.

“Essa concepção corresponderia perfeitamente a um período no qual, na França, a grande indústria, e com ela a oposição entre proletariado e burguesia, estavam apenas nascendo. Mas há um ponto no qual Saint-Simon insiste particularmente: em todo lugar e sempre, o que lhe importa antes de mais nada é o destino da “classe mais numerosa e mais pobre”. (Engels- Anti-Dühring)

“Se (Saint-Simon) ignorou nos seus primeiros escritos a oposição entre burguesia e proletariado, a qual apenas começava a nascer na França naquela época; se ele classificou entre os trabalhadores a fração da burguesia que se ocupava da produção, isso corresponde às concepções de Fourier, que queria reconciliar o capital e o trabalho, e explica-se pela situação econômica e política da França naquela época. Se, na ocasião Owen teve perspectivas mais amplas, é porque vivia em outro ambiente, no coração da revolução industrial e das oposições de classe que já se manifestavam.” (Engels – Nota sobre “O Capital”, livro 1)

---

<sup>5</sup> “...conceber a Revolução Francesa como uma luta de classes entre a nobreza, a burguesia e os não-possuidores era, em 1802, uma descoberta das mais geniais.” (Engels)

## Fourier

Assim como Saint-Simon, Charles Fourier (1772-1837) age sob a influência da filosofia iluminista e dos ideais da revolução francesa, que ele procura confrontar, na maioria das vezes com uma ironia mordaz, com a realidade e com a baixeza da sociedade burguesa.

“Fourier pega a burguesia ao pé da letra, seus profetas entusiastas de antes da revolução e seus bajuladores interessados de depois. Ele desvenda impiedosamente a miséria material e moral do mundo burguês, confrontando-a com as promessas lisonjeadoras dos filósofos iluministas sobre a sociedade na qual apenas a razão deveria reinar, sobre a civilização que traria a felicidade universal, sobre a perfectibilidade ilimitada do homem, assim como as expressões cor de rosa dos ideólogos burgueses que são seus contemporâneos; ele demonstra como, em qualquer lugar, a mais lamentável realidade corresponde à mais grandiloquente fraseologia, e despeja sua mordaz ironia sobre esse fiasco irremediável da palavra.” (Engels – Anti-Dühring)

Assim como Owen, Fourier acredita que o uso comum dos bens e a gestão associada dos recursos humanos é o único meio de estabelecer uma sociedade verdadeiramente racional, na qual não existirá mais nem o desperdício nem a anarquia devidos à apropriação privada dos meios de produção. No entanto, Fourier critica Owen pelo fato de encarar a questão apenas de um ponto de vista material, que não pode seduzir ninguém, enquanto ele (Fourier) pretende fundar a necessidade da associação com base numa nova teoria sociológica: a da atração apaixonada. Fourier considera que o meio de estabelecer a comunidade dos homens é deixar que as paixões se expressem, canalizando-as por “séries”, de modo que permitam a realização, com o máximo de eficiência, de tarefas que, quando são sinônimos de exploração ou são impostas aos indivíduos, parecem degradantes e só são cumpridas com repugnância.

“O remédio para essa preguiça e outros vícios que desorganizariam a associação é, portanto, a busca e a descoberta de um mecanismo de atração industrial, transformando os trabalhos em prazeres e assegurando a persistência de um povo no trabalho, além da recuperação do mínimo que se lhe terá adiantado.” (Fourier – O novo mundo industrial e societário)

Para isso, é preciso deixar os indivíduos obedecerem às suas paixões, mas sempre organizando-as por “séries”, de modo a que não levem à anarquia, mas ao perfeito funcionamento da organização. Assim, por um fenômeno de atração, far-se-á com que todos os homens trabalhem pelo sucesso do bem comum. Ao fazer a lista das paixões, por exemplo, Fourier descobre que o homem se cansa da continuidade e aprecia a variedade; a diversidade do trabalho na sociedade futura contestará esta paixão; do mesmo modo, ao contentar a necessidade de intriga e de estímulo, levar-se-á diferentes equipes de trabalhadores a concorrerem por melhores realizações, melhorando então a qualidade dos produtos. Em outro registro, Fourier observa que o gosto das crianças pelos excrementos e pelas porcarias fará delas lixeiros entusiastas e limpadores de esgoto!

Fourier descreve minuciosamente sua futura organização, com achados poéticos que o distinguem de Saint-Simon, ou de Owen; mais que o detalhe dessas medidas utópicas, é a visão histórica implícita em seus sistemas que dá valor a sua obra. Pouco apto a compreender a luta de classes e a

necessidade material de uma profunda transformação da sociedade, Fourier sabe que a época é fruto de uma evolução histórica que tudo arrevesou e que o mundo civilizado nada tem a invejar aos povos bárbaros. A teoria das quatro etapas da história da espécie humana, junto com os trabalhos de Morgan, inspirará as pesquisas de Engels sobre a origem da família, da propriedade privada e do Estado.

“Mas onde ele melhor aparece (Fourier, NDR) é quando expõe sua concepção da história da sociedade. Ele divide toda sua evolução passada em quatro fases: barbárie, patriarcado, selvageria e civilização, a qual coincide com o que se chama hoje de sociedade burguesa; ele demonstra que a “ordem civilizada dá a cada um dos vícios, aos quais se livra a barbárie com simplicidade, uma forma complexa, ambígua e hipócrita”. Mostra ainda que a civilização se move num “circulo vicioso”, em contradições que ela reproduz incessantemente, sem poder sobrepujá-las, de modo que ela sempre atinge o contrário do que quer ou pretende atingir; de modo que, por exemplo, a pobreza nasce, na civilização, da própria abundância.” (Engels – Anti-Dühring)

Este mundo “de trás para frente”, Fourier está convencido de que é necessário colocá-lo “em boa ordem”, mas não tem qualquer ideia dos meios necessários para isso, a não ser o mecenato, e ele passará o resto de sua vida esperando alguém que financie seus projetos de falanstério.

Além dos esforços indispensáveis para achar financiamento para seus projetos, os utopistas entregaram-se muito pouco ao proselitismo, não tentaram fundar movimentos de massa e mantiveram-se totalmente afastados dos movimentos proletários (exceção feita a Owen no final de sua vida).

Contemporâneos uns dos outros, não procuraram unificar seus projetos ou esclarecer suas teorias.

Expressão de uma época em que ainda não transparece inteiramente o papel emancipador do proletariado, o sonho utopista, durante o século XIX, acompanhará todas as derrotas do proletariado. Depois de 1848, depois de 1871, nos períodos de crise e de desemprego, proscritos e emigrantes abordavam novos continentes portando planos de comunidades, falanstérios, etc... que, na melhor das hipóteses, transformavam-se em cooperativas de produção e, na pior delas em assembleias de mendigos e miseráveis. É principalmente no plano doutrinário que os utopistas conseguiram realizar a ruptura frente à sociedade capitalista, empreendendo uma crítica da qual numerosos elementos serão retomados pelo programa comunista, mas numa base completamente diferente, fundada doravante não no iluminismo de alguns indivíduos, mas na luta social da massa do proletariado, única classe revolucionária da sociedade moderna.